



# Gaiato



**PORTE  
PAGO**

Quinzenário

24 de Março de 1990

Ano XLVII — Nº 1201 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## NOTAS DA QUINZENA

• Quero fugir do «barulho» para escrever estas *Notas* e não consigo. Os mais pequenos não me largam. Dependurados em meus braços, puxam-me para a frente, a caminho da mata. Deixo-me ir com eles, na certeza de que têm razão.

Lá fora, não tinham a quem se prenderem. A família desmantelou-se. O lar desapareceu. Restava-lhes a rua.

Entregues a si mesmos, em vez de crescerem equilibrados, perdiam-se.

Estes garotos são encantadores. Quem os descobre, encontra um tesouro por quem vale a pena trocar tudo, até dar a própria vida. Sou testemunha das transformações que, em pouco tempo, se vão dando neles.

À hora da refeição, meus olhos poisam, diariamente, num grupo de cinco que comem na mesma mesa. Vou dando conta da mudança, que é uma cura verdadeira das feridas do abandono. Que maravilha! Sem remédios especiais, cursos ou esquemas fora do comum. Há, sim, o fruto natural do trabalho feito com devoção.

À medida que vou com eles, dou conta de que são garotos normais. Conversam, fazem perguntas, são observadores como qualquer criança.

Que se passou, então, na vida deles? Faltou-lhes o acompanhamento. É tão importante que, sem ele, crescem desequilibrados. Estou a lembrar-me, neste momento, de muitos filhos de família normal que não são acompanhados pelos pais, desde pequeninos. Vão crescendo sem o olhar atento e paciente dos educadores. Mais tarde, quando dão conta, por vezes já é tarde. É o trabalho, normalmente, que rouba aos filhos o tempo dos pais.

Há momentos, conversando com um casal que tem dois filhos, chegámos a esta conclusão: É mais sensato que os pais se preocupem menos com amontoar bens para os filhos e se preocupem mais em prepará-los para o trabalho em que vão ganhar esses bens.

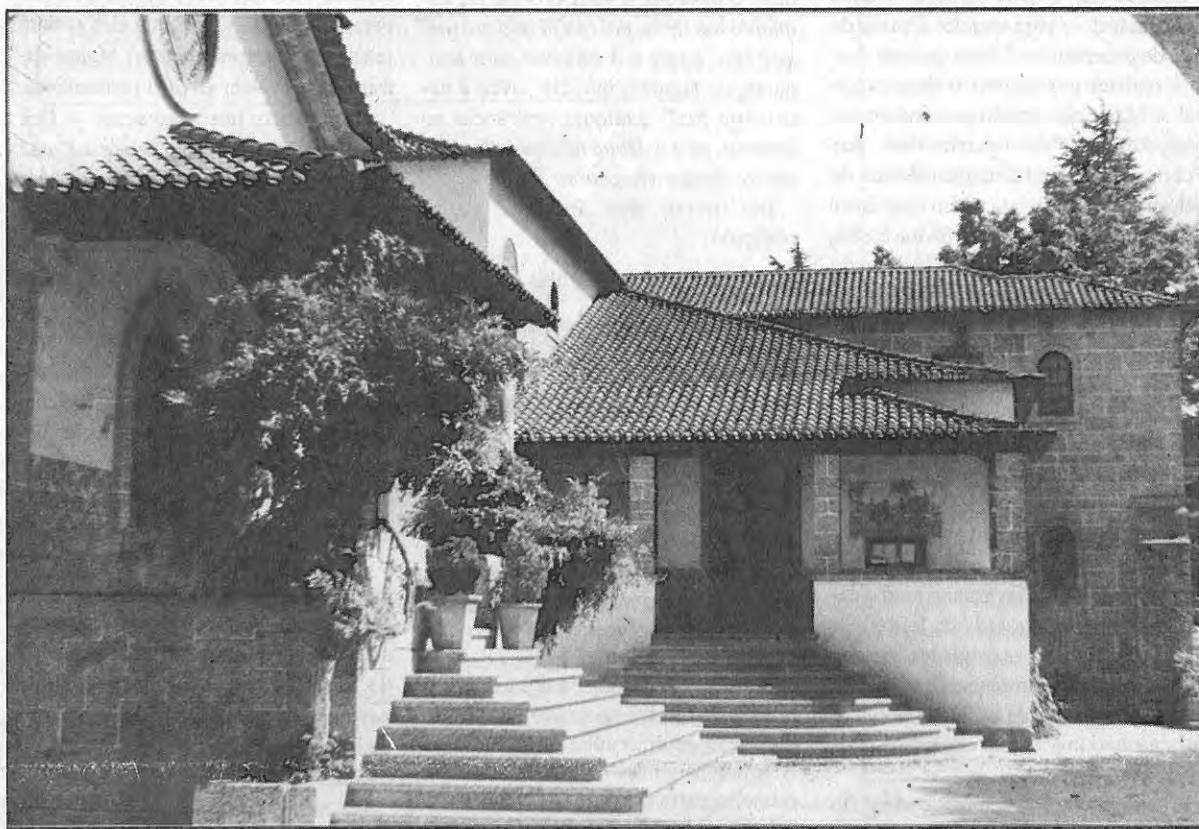
Deste modo, em muitos casos, o

acompanhamento seria muito mais benéfico porque mais assíduo. O crescimento dos filhos far-se-ia num clima muito familiar, em que as relações seriam mais ao ritmo da natureza, sem a interrupção provocada por qualquer corpo estranho.

A experiência feita na convivência com estes filhos que não conhecem a normalidade duma família e dum lar, leva-nos a desejar mudanças profundas na maneira de viver a responsabilidade de ser pai e mãe.

• À hora da merenda fui dar com os «Batatinhas» à roda da mesa, com uma tigela de leite cada um. A senhora D. Guiomar servia-os. Um quadro familiar para ser visto em qualquer casa de família vulgar. Reparei que um grupo de pessoas ficaram a olhar, todo o tempo que durou a merenda. Não sei o que mais apreciavam, se as caras felizes das crianças, se o olhar atento e maternal da senhora que os velava. Um e outro faziam a beleza daquele lugar, daquela hora.

Continua na página 3



Uma bela imagem da nossa Aldeia em Paço de Sousa

## TRIBUNA DE COIMBRA

• Já há muito andava com desejo de ir conhecer aquelas três grandes famílias nas suas casas.

Fui a uma, no sábado. Sábado de muita chuva.

Todas as crianças, meninos e

meninas, metidos em casa. A rua era de água.

Tinham acabado de almoçar. O fundador e pai daquela família estava ainda à mesa, rodeado de muitos pequeninos. Cansado do trabalho daquele dia. Tinha-se levantado às cinco e meia da manhã. São sessenta e cinco crianças e o pessoal assalariado faz «semana inglesa». A maior parte da família estava a ver televisão. Os mais crescidinhos faziam as obrigações caseiras. Havia barulho. Vinham fazer muitas perguntas e trazer muitos recados.

Aquele homem-pai de família queixou-se do abandono dos que deviam ser responsáveis. Queixou-se dos amantes de algumas que vêm ver os filhos. Queixou-se das mãos fechadas que muitas vezes encontra.

Despedimo-nos como oficiais do mesmo ofício. Vamos ajudar o mundo a ser melhor. Vamos continuar.

• Domingo, celebri logo de manhã com os vendedores, e fui ao encontro de outra família. Não sabia bem onde tinham casa, mas não foi difícil encontrá-la. Junto à estrada brincavam muitas crianças e havia casas dispersas. Parei. Perguntei e era ali.

Saí da carrinha e logo apareceu a

Irmã com um balde de papéis a despejar no latão do lixo. A mulher forte no amor, no trabalho, na confiança, anda sempre para a frente. — *Temos de fazer alguma coisa por estes meninos* — é sempre a sua resposta.

Falou-me da sua grande família. Várias famílias, cada uma em sua casa com vida independente, formam todas uma só Comunidade. Disse-me da necessidade de uma quinta, onde estivessem alguns e onde viessem algumas coisas para as painelas.

Disse-me do bom acolhimento que encontra em muita gente e do desprezo que também encontra em alguns.

As sessenta crianças brincavam alegremente. Despedi-me da Irmã com o balde na mão e trouxe o sorriso daquelas crianças entregues àquela Mãe.

• Dirigi-me a outra encosta, de outro monte, a ver outra família de trinta e cinco crianças — meninos e meninas. Eram quase horas de almoço. Uns brincavam cá fora; outros estavam na sala de televisão; outros, de avental, preparavam a refeição. Toda a cozinha cheirava ao

Continua na página 4

## Setúbal

Pressionada pela criança sem ninguém, a Igreja de Moçambique, pela voz do seu Cardeal, pede a nossa presença na sua Diocese.

A carta de um grande Pai, aflito pela sorte dos seus filhinhos mais débeis, solicita a descoberta de fontes de ternura, carinho e promoção para os pequeninos alojados na rua.

A guerra, a fome, a insegurança, a imoralidade e sobretudo a desmotivação e desorientação, atiraram com multidões de inocentes para o mar incomensurável do abandono.

A Igreja sangra no coração dos Bispos.

Vimos a Maputo, o Padre Telmo e eu, apreciar um lugar aprazível, onde, de novo, a Obra da Rua poderá construir outra Aldeia de Rapazes e contactar com a Igreja local, as autoridades civis, o povo anónimo, alguns amigos e os pobres.

Instalámo-nos na Casa dos Filhos de S. Francisco, na Polana, onde o acolhimento recebido patenteia o Espírito do Pai de Assis e fundamenta a esperança de ajuda de que a Obra da Rua tanto precisará naquela nova Nação.

Continua na página 4

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

As moradias do Património dos Pobres, ao longo dos anos, têm acolhido muitos utentes. Pequenas famílias ou gente solitária, pois a sua área não é abonada. Daí termos procedido à ampliação de um ou outro edifício — onde era possível — para atender a casos de grande necessidade. Obras que nos custam realizar por se ferir a traça original... Mas elas não são património arquitectónico, sim património dos Pobres. Aliás, com arraigado sentido de beleza, Pai Américo também quis fazer destas moradias — pobres na sua essência — uma revivência da *civilização do granito*. Perdida horas junto dos pedreiros...! Gostava da pedra rusticada, das lareiras e trasfogueiros nas cozinhas. Enfim, das típicas moradias da região.

Vamos ter de ampliar mais uma, com presumida anuência da comissão fabriqueira, pois são da freguesia — para os mais necessitados. Há terreno, o que não acontece a todas elas. No caso vertente não sentirá a ferida do betão, pois manterá a frontaria de granito para o caminho. Para salvaguarda da lei, o técnico fará o risco. E as entidades oficiais, como noutras circunstâncias e porque se trata de uma obra de utilidade pública, resumirão o processo à expressão mais simples — com todas as isenções.

Curiosamente, sabemos de antemão que não será fácil encontrar, para a obra, uma equipazinha de trolhas e pedreiros. Felizmente, neste sector, desapareceu o desemprego. Deus permita o boom continue, pois é enorme o défice de habitação por todo o País. Especialmente moradias para os Pobres! Não se constroem casas de renda económica! Perdeu-se o sentido de acudir aos mais pobres! As entidades oficiais não arriscam porque se queixam dos encargos de conservação. Já não há distinção entre entidades públicas e empresas privadas!

Resumindo e concluindo: Apesar de todos os inconvenientes, especialmente em regiões sub-urbanas, é um dever do Estado, das autarquias, construir pequenos bairros de renda económica, sem descurarem também os loteamentos para Autoconstrução. Neste aspecto, muitas Câmaras já abriram os olhos. Outras, porém, alinham por critérios que não atendem à capacidade económica, às dificuldades das populações. Eis um ponto muito importante nas carências ou prioridades do nosso desenvolvimento.

**PARTILHA** — Assinante 9983, de Aveiro, remanescente de contas com O GAIATO. No Lar do Gaiato, no Porto, um sobrescrito com quinze notas «para a Conferência de Paço de Sousa». O costume, de Vilares (Vila Franca das Naves). Assinante 26108 aplica o resto do pagamento da assinatura «no que for mais necessário». Dois contos da assinante 53819, de Braga. A mensalidade habitual da assinante 31104: «Passam os anos, uns após outros, sem que a cruz que carregamos se torne mais leve. Peço as vossas orações para que Deus se lembre de mim — embora seja pecadora».

Três mil, de Setúbal: «Sou uma avó que se preocupa muito com o futuro dos

meus cinco netos e de todas as crianças». Assinante 5045, da Avenida da Boavista, Porto: «Cinco mil escudos que minha irmã me entregou». O mesmo, de Valada do Ribatejo: «Peço que não me agradeçam nem ponham o meu nome n' O GAIATO». A remessa habitual de «Avó de Sintra». Dois mil, da assinante 16415, de Barcelos: «Não tenho dado sinal de mim. Não é por esquecer ou alhear-me, mas simplesmente pela deficiência dos meus olhos e pelo avanço dos anos. Gostaria de enviar mais para dizer o Bem que O GAIATO me faz enquanto mo lêem, pois eu já não posso». Por fim, cinco mil escudos dum assinante, de algures, que diz: «Não é necessário fazer qualquer referência no Famoso, pois o débito na conta dir-me-á que o cheque chegou ao destino».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**DESPORTO** — No dia 4 do corrente recebemos um grupo desportivo da cidade do Porto: os Dragões.

O jogo começou às 15 horas, com um minuto de silêncio. De seguida, a equipa visitante cumprimentou o nosso grupo desportivo, oferecendo a cada jogador uma camisola.

O árbitro deu começo à partida e o primeiro golo foi apontado através da marcação de um canto, nos primeiros 10 minutos, a nosso favor. No final da primeira parte estávamos a vencer por 3-1. Na segunda parte, marcámos mais dois golos, o suficiente para os nossos defesas brincarem com a bola, e sofremos três golos. Resultado final: 5-4. Mais uma taça para o nosso grupo desportivo.

Começaram, no mês passado, os treinos de karaté no nosso salão. O responsável já foi ao Porto buscar os quimono para melhor facilitar os treinos. Para alguns rapazes parece uma grande novidade. Durante a semana não se vê mais nada senão alguns a aplicarem golpes. Parecem os reis disto tudo!

✠ Ao escrever esta crónica quase que vinham lágrimas aos meus olhos. Exactamente porque, com uma certa tristeza, me custa falar do Bernardino que faleceu no dia 8/3/90, na Ordem do Terço. No dia 9, todos os rapazes da tipografia e de outras oficinas da nossa Casa foram ao funeral.

A Missa foi celebrada no mosteiro de Cête pelos nossos Padres.

Estavam presentes, a família, os amigos mais chegados e alguns antigos gaiatos.

Bernardino foi criado nesta Casa onde se fez homem digno, com a sua personalidade.

Dedicou-se à Obra durante vários anos, ao serviço dos rapazes e ajudou muitos na aprendizagem das artes gráficas. Hoje, alguns são homens casados com a vida organizada. Graças a Deus têm saído, ao longo dos anos, bons artistas em artes gráficas. Também organizou algumas das nossas Festas pelo norte do País.

Para ele foi uma cruz bastante pesada de levar ao Calvário; mas, de qualquer maneira, cumpriu-a ao seu jeito até ao fim.

«Andorinha»

## SETUBAL

Há dias fui fazer um trabalho de mecânica. Por isso, tive que me deslocar das oficinas, em Setúbal, até Algeruz. Quando lá cheguei, para meu espanto, todos queriam vir trabalhar comigo, mas não era possível. Depois do meu trabalho concluído, fui vê-los ocupados, cada grupo com o seu responsável. Era um espanto! Sorriso nos lábios, pensava para comigo: — Será que eles seriam felizes com os seus parentes? Muitas outras questões vêm ao meu pensamento.

No regresso, interrogava-me: — Que será daqueles que fogem de nossa Casa? Vieram do nada e vão para o nada! Mas porquê? Se calhar há muitas explicações, mas nenhuma certa.

Chegando às oficinas, com um ar de brincalhão, vou dar uma volta pelas diversas secções de trabalho e reparo que vontade de aprender não lhes falta, mas é preciso muita paciência e mesmo chatices. Depois vêm os estudantes com notas negativas e positivas, sempre com um ar de esperança que para a próxima seja melhor.

Vem o sábado e todos fazem a mala para ir passar o fim-de-semana a Algeruz. À chegada, a camioneta é rodeada com um ar muito feliz: «Chegaram os do Lar!» Abraços, carinho e amizade por eles. Chegara, se calhar, o irmão mais velho, aquele que lhes dá tudo. O carinho que for necessário.

De tarde, são os treinos; primeiro eles, depois nós. A alegria que sentem por uma coisa que é organizada pelos treinadores por quem sentem confiança. No domingo há futebol para entreter e depois o resto do dia em convívio, brincadeiras, conversas, desabafos, alegrias e tristezas.

À noite, lá vem a separação: os das oficinas vão-se embora e o resto fica lá. Começa de novo o sacrifício, mas nunca deixa de haver alegria e a vida da Casa do Gaiato: *Fazer de cada rapaz um homem*, o que sempre foi o sonho de Pai Américo.

Martinho

**URGENTE** — Já fizemos um apelo, várias vezes, para a aquisição de um aparelho destinado à mistura de som em nossas Festas

É uma necessidade gritante para a qualidade dos espectáculos que estão à porta!

Disponemos já da oferta de cem mil escudos, de um amigo muito assíduo às nossas Missas dominicais. Mas não chega. Precisamos de muito mais.

Quem poderá dar-nos a mão? Façam o favor de escrever para a Casa do Gaiato — 2900 Setúbal. Obrigado.

César Amante

## O GAIATO

Na anterior edição, a nota de aniversário do Famoso escrita pelo nosso Padre Manuel António referia que o primeiro número saía a 4 de Março de 1944, mas fora no dia 5. Perdoem a **gralha**.

Recebemos muitas saudações! E lamentamos não poder citar algumas das mais significativas — por falta de espaço.

A nossa gratidão.

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Rara é a vez que nas nossas reuniões não surja o problema dos filhos das famílias que ajudamos. Para alguns, a Casa do Gaiato era a melhor solução. Mas também ela tem dificuldade em os acolher. A falta de senhoras limita a entrada dos mais pequenitos.

Tantas senhoras que se sentem sós, não quererão preencher esse vazio ajudando a crescer estes rebentos que desabrocham para a vida? Compreendê-los e amá-los como uma mãe sabe.

Recordo aqueles amigos, motivados para a vida vicentina que nos procuram.

Também há mães que na sua solidão sentem o chamamento e tentam ignorá-lo. Coragem.

Tantas crianças a precisar dos adultos e vêm-se limitadas no seu desenvolvimento!

José Alves

## Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

Em 3 de Março de 1990 terminou o nosso mandato. Dois anos de muito trabalho para alguns membros dos corpos sociais.

A Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos absorveu-nos grande parte do tempo disponível, devido a contactos e reuniões com empreiteiros e o Instituto Nacional de Habitação.

Mais de 80% dos sócios não têm as quotas em dia. Lamentamos porque, como diz o ditado, «sem ovos não se fazem omeletas».

Como poderão os responsáveis da Associação assumir a responsabilidade do pagamento de uma renda numa futura sede, se parte dos sócios não assume as suas próprias?

Embora materialmente apoiado pela Casa do Gaiato, tem estado a cargo da Associação o apoio directo ao Júlio Gomes. Tudo tem sido feito para proporcionar a este nosso irmão um tecto e condições que lhe permitam encarar o futuro em relativo bem-estar, ainda que a saúde não seja famosa e o anos comecem a pesar.

Resta, no entanto, a alegria de poderemos afirmar que a «máquina» está montada, o que representa que o mais difícil está feito. Que os novos elementos que irão dirigir os destinos da Associação possam fazer mais e melhor são os nossos votos; mas que o façam sempre dentro do espírito da doutrina de Pai Américo.

Eis alguns extractos do Relatório que fotocopiámos para os associados e estão ao dispor na sede da Associação.

Finalmente uma nota muito pessoal: No final dos meus mandatos não posso deixar de salientar a sempre boa e leal colaboração da maioria dos elementos que comigo trabalharam e que, em momentos difíceis, deram forças suficientes para terminar este último.

Assim como não poderei esquecer o inestimável apoio que sempre encontrei junto dos Padres da Rua.

A todos, sem excepção, uma vez mais, obrigado.

Carlos Gonçalves

**ASSEMBLEIA GERAL** — De acordo com a convocação, em devido tempo anunciada, realizou-se no passado dia 3 de Março a Assembleia Geral destinada a apreciação da actuação da Direcção no seu mandato agora findo, bem como a apresentação das contas para aprovação.

**CAMPANHA TENHA O SEU POBRE** — Holanda, presente com sete mil escudos.

Anónimo, mil escudos. Junto mil e «peço perdão por ser tão pouco». «Deus ponha a sua virtude na vossa missão e que esta minha oferta seja mais pequena à luz da matéria, porque no espírito eu a tenho por muito grande» — ass. 14590. A.S.E., de Loures, com mil escudos. Costa da Caparica presente com um cheque de cinco mil escudos. Anónimo, para a Conferência do Lar do Porto, vinte mil escudos. Cinco mil, da assinante 3359. Mil e quinhentos escudos, de algures. De Sertã, J.P.M. Santos, com cinco mil escudos. De Maria L.B.S., dez mil escudos. Tavira: «Envio cinco mil escudos destinados a ajudar os necessitados dessa Conferência». «Os meus desejos de saúde e ajuda de Deus para todos nós podermos ajudar aqueles que tanto precisam. M.E.F. Santos».

O nosso muito obrigado.

José Alves

# Convenção Internacional dos Direitos da Criança

Um outro fundamental princípio que a Convenção consagra é o da Família como lugar próprio onde a criança nasce e se desenvolve em ordem a uma adultez sã — condição da realização pessoal e feliz de cada indivíduo e da sua integração na sociedade como cidadão válido.

Pai Américo disse-o há muitos anos numa palavra simples: «Todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão». Disse-o e fez do pensamento a pedra angular da sua Obra.

Nem haveria razão para a sua Obra, «cuja maior glória seria acabar por não ser mais precisa», nem para tantas outras de idêntico fim; nem motivo para Declarações e Convenções de direitos, se todas as crianças encontrassem ao nascer uma família bem fundada, capaz de lhes proporcionar os meios de crescimento sadio. Ninguém se gasta na organização da defesa de um direito se se não põe a hipótese da sua violação. Onde a família bem formada, não há tal hipótese ou é muito remota. E alguma excepção, ainda assim possível, não passaria de problema pontual resolúvel também pontualmente, sem necessidade de respostas solenes e universais como é a Convenção e os meios que ela pretende pôr em acto, exactamente porque a hipótese da violação é uma realidade desgraçadamente frequente.

Parece que o objectivo n.º 1 da Convenção seria comprometer Estados e Nações numa política de Família que a fortalecesse, a saneasse e lhe desse o primado que naturalmente lhe compete na defesa dos direitos da criança. Prevenir mais para não ter de remediar tanto. Sim, este seria o objectivo n.º 1. Mas como, de facto, mesmo com essa política firmemente assumida (o que não é o caso português), são abundantes os arremedos de família, tais como ajuntamentos fugazes ou casamentos de estrutura inconsistente por impreparação e imaturidade dos que os contraíram — não se contemple e trate a Instituição Familiar unívocamente, que isso é um equívoco. E será a criança, a porção mais frágil dessas pseudo-famílias, a pagá-lo. Ela que, justamente nestes casos, é que carece de protecção

consegui-lo e vontade não nos irá faltar. Para completar os desejos atrás formulados, quis brindar a Assembleia com aquilo que seria o seu primeiro acto na Direcção: Informou que por amável deferência dos nossos padres, fora a Associação autorizada a usar a sala de reuniões como sala de convívio. Assim, essa sala no Lar do Porto, a partir de 10 de Março, estará aberta todos os sábados das 15 às 19 horas para os antigos gaiatos, sejam ou não sócios da Associação. Através deste convívio, vamos procurar o renovamento das boas amizades e sã camaradagem; como ponto de encontro entre bons amigos e também para alguns momentos de lazer. Alguém já nos arranhou uma mesa de pingue-pongue. Vamos ter jogos de damas e dominó e uma pequena biblioteca. Digo que vamos ter, porque esperamos que algum amigo leitor queira associar-se a nós. Um rádio e uma televisão também estão nos nossos planos. Deus há-de tocar em algum bom coração. O nosso Pai Américo nunca pedia, só batia no coração das pessoas. É o que fazemos e ficamos a aguardar.

Fernando Marques

e devia ter os seus direitos prioritariamente considerados e defendidos.

Ocorreu-me a lembrança de uma conversa deste teor havida há mais de vinte anos com um ministro do Estado que se mostrou escandalizado:

— Então, vocês são contra os direitos do sangue!?

— Não, nós somos pelos direitos do sangue, quando ele corre sadio e efectivamente assume os seus deveres.

Esta é a regra. E sempre que a regra se verifica, é reduzida ao mínimo a intervenção do Estado e da comunidade. A Família é e funciona. Os pais estão no seu posto para cuidar do interesse da criança, como é direito dela, consagrado nos artigos 9.º e 18.º da Convenção: «O interesse das crianças está em primeiro lugar. Pai e mãe ou responsável têm o compromisso de acompanhar o desenvolvimento da criança. O Estado prestará assistência apropriada a pais ou representantes legais para desempenho das suas funções. O Estado providenciará instalações e serviços para cuidado das crianças, especialmente para aquelas cujos pais trabalham».

O papel do Estado confina-se, pois, aos seus deveres de segurança social — função mais preventiva do que medicinal.

Mas quando a família é arremedo que não funciona, «quando o interesse da criança torna necessária a separação (art.º 9.º)» — então, art.º 19.º:

«É obrigação do Estado proteger as crianças de todas as formas de maus tratos praticados pelos pais ou responsáveis e implementar programas sociais que proporcionem a assistência necessária à criança ou a quem cuide dela.»

«Todas as formas de maus tratos» não são apenas da espécie de sevícias. São todas as consequências da incuria e do desafecto; o relegar o interesse das crianças para depois das satisfações de egoísmos e de

vícios dos progenitores — relegar para sempre.

E vai o Estado e a comunidade deixar-se levar nesta vaga de posterioridade, dando demasiada e injusta consideração aos direitos do sangue que nunca cumpriu os seus deveres?! Vai falar ambiguamente de uma família assim e da Família que é e funciona, sem distinguir o abismo que separa as duas realidades?! E a criança — onde está «o seu direito considerado como prioridade (art.º 3.º)»?!

Há anos mo dissera, mas repetiu-mo há poucos meses um rapaz que

passou pelas nossas Casas: «A minha mãe é uma gata. Só sabe fazer filhos». Do pai, nunca este rapaz soube. À mãe, define-a desta sorte. Foi ela que o veio desencaminhar e o levou, era ele adolescente mas já com corpo para ganhar dinheiro. Porque não deu à mãe o lucro que ela esperava e outros interesses, entretanto, surgiram na vida dela, depressa o pôs fora de casa.

Correram alguns anos sem nos vermos. Ao longo deles a sua vida decorreu na marginalidade. Eis o homem em que aquela criança se tornou. Aquela criança que, nem da família que nunca teve, nem da sociedade em cuja margem está, viu «o seu interesse posto em primeiro lugar».

Fosse só este... Mas são tantos!

Padre Carlos

## NOTAS DA QUINZENA

Cont. da 1.ª página

Pensei, mais uma vez, nos filhos pequeninos que têm a porta aberta das Casas do Gaiato mas faltam os braços da senhora e mãe para os receber. É o recado mais urgente que tenho para dar da parte dos «Bata-tinhas».

• As senhoras da Obra da Rua reuniram-se em Fátima durante dois dias. Este encontro é necessário para firmar a unidade do grupo pela vivência em comum da vocação sublime a que Deus as chamou: Serem mães dos filhos que perderam a mãe de sangue mas não perderam o gosto e a necessidade de terem mãe. E quem há-de ser, agora, a mãe deles? Aquelas que descobriram que o dom da sua maternidade não é para ser vivido no matrimónio ou na vida consagrada tradicional, porque não se sentem chamadas para esses caminhos. Encontraram, porém, na entrega de suas vidas a estes filhos, o caminho da sua realização pessoal.

É uma vocação original. É a vocação da mulher cristã comum que quer viver, até ao fim, a sua vocação de baptizada no seio do mundo, integrada numa comunidade onde realiza a missão apostólica recebida no baptismo, no serviço dos Pobres. São mulheres que, como Maria, estão disponíveis ao dom sincero de si mesmas e acolhem na fé o dom que Deus lhes confia numa maneira especial: o garoto da rua, o doente incurável, gastando por eles todas as suas forças espirituais e humanas. Onde estão?

Padre Manuel António

### IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

## BERNARDINO

Foi uma hora dolorosa aquela em que ele veio, mas nessa dor ele não participou senão pelo esforço que lhe custou a adaptação.

O Bernardino não era um rapaz da rua. Foi a orfandade a razão que no-lo trouxe. Pai Américo morrera havia pouco e seu pai também.

De tão perto que era, tememos que não se segurasse aqui. Só me lembro de ter fugido uma vez. Eram saudades de sua mãe. Depois serenou e foi dos rapazes que aprofundou raízes. Tanto que, feita a tropa, chegando o momento das grandes decisões, escolheu ficar. Não lhe faltaram, já então e em tempos mais recentes, outros caminhos sedutores para os quais a sua competência o qualificava. Porém a sua opção de há vinte e três anos permaneceu invicta até ao fim.

Durante eles foi muitas vezes colaborador importante nas

nossas Festas e de algumas, mesmo, o responsável maior, tanto da concepção do programa como da sua realização. Mas o seu papel permanente foi na tipografia, da qual era coluna principal.

Só há cerca de dois meses a doença se denunciou. Traçoira! Só deu tempo para a confirmar e nos certificarmos de que nada mais era possível para a vencer.

Chegou em hora dolorosa e, bem provado pela dor, Deus o veio buscar. Dor que ele sofreu discretamente, como era o seu jeito, sem se queixar e evitando incomodar fosse quem fosse. Foi a sua lição derradeira, edificante. Lição compartilhada por sua mulher e seus três filhos, que se revelaram uns valentes.

Se algo lhe faltava para ser abraçado por Deus eternamente, a purificação final supriu, assim nos diz a Fé n'Aquele que «é rico em miseri-



ricórdia». É a compensação da saudade que em todos deixou, da falta grande que nos faz.

Deus seja louvado! Deus guarde o Bernardino e nos guarde a todos que nesta passagem lhe pertencemos.

Padre Carlos

## DOCTRINA



Começa a revolução das almas...

• Aqui me tens hoje à porta, o mesmo dos mais anos, a pedir...

Não venho na emboscada do «bolsa ou vida»; muito menos no desfraldar a bandeira revolucionária do «temos fome». Não, que a minha revolução é ramo de oliveira, toda de Paz e de Bem.

• Antes, porém, de te decidires a abrir a mão, uma vez que eu peço para Pobres e é para eles que tu vais dar, desejo que consideres bem qual e quanta a Altíssima Pobreza de Jesus, porquanto a altura deste pensamento fará a dimensão da tua esmola. Vê e medita, através do Evangelho, o Pobre Divino mai-la bendita Pobreza, comendo, com simplicidade, espiga no campo e peixe na praia; vestindo a túnica que a glória de Deus transfigura no Tabor e os soldados disputam no Gólgota; aceitando abrigo em muitas casas, hóspede em todas elas, porque peregrino no mundo. Pobre no comer, pobre no vestir, pobre no viver. Assim convinha que fosse Aquele que o Pai Celeste mandou evangelizar os Pobres; assim foi e assim é.

• Este pensamento bem ruminado e bem saboreado, há-de abrir as tuas portas ao Pobre, em esmolas hilariantes e religiosas; pois se ele, o mesmíssimo pensamento tem apaixonado multidões numa epopeia de vinte séculos, moça, actual, vigorosa; tem seduzido gente sem conta, a largar os pais, os campos, as fortunas; tem arrastado enamorados que se ocupam dos Pobres e do bem da pobreza; tem, finalmente, retido inúmeros prisioneiros em suas casas, no meio de suas riquezas, mais pela necessidade de bem a distribuir do que pelo prazer de as gozar — hoje como ontem e sempre — apaixonados, enamorados da Altíssima Pobreza do Pobre de Nazaré.

• Eu entrarei na casa de cada Pobre com os poderes da tua procuração e colocarei no regaço de cada família, em teu nome e como se próprio foras, a moeda de prata, o cobertor de lã, o lençol em meio uso, o mimo da despensa, e a garrafa do azeite, a alegria da visita, a palavra de simpatia, o desejo de ano feliz. Entrarei, outrossim, nos hospitais com os mesmos poderes e na presença dos seus habitantes darei a cada um deles o retalho de flanela de lã, daquela que tu mais gostares, que é também a cor de que o Pobre mais gosta.

*D. Amén. 5!*

(Do livro Pão dos Pobres — 2.º vol.)

# SETÚBAL

Cont. da página 1

Em Lisboa, a empresa de um amigo tratou-nos dos bilhetes, dos vistos, dos *okeis*, de tudo. Parecíamos uns ministros a viajar sem preocupações de pormenor! Umhas altas personalidades com todos os serviços de apoio!... Oh grandeza!...

Eu, que não sabia o que eram os *Vipes*, vi-me a desembarcar em Maputo e descansar na sala deles! Oh ignorância!...

Só nos atrapalhámos com uns queijinhos de Azeitão que um amigo oferecera aos gaiatos de Setúbal, uns chouriços e fiambros da Socar; provisões que, como pecadores, embalámos e escondemos com medo da fome!...

Como éramos *Vipes*, lá passámos. É bom ser *Vip*!... Há sempre tolerância para esta classe de pessoas!...

Uma senhora negra, de aspecto humilde e agradável mas eficiente e desinteressada, manifestou-nos prontamente que estávamos em terra de gente boa, cuidando de todos os despachos.

O aeroporto, decorado com plantas polícromas, candeeiros artísticos, esculturas e pinturas nacionais interpretando o espaço e a ânsia do povo moçambicano à independência, conserva um ar limpo e gracioso.

A cidade de Maputo instalada num promontório em semi-círculo, à beira-mar, de traçado inglês e urbanização portuguesa é um grande jardim, onde as acácias de todas as cores, as palmeiras e os coqueiros mai-las gigantes molembas escondem a passagem da revolução e acolhem as populações em rasgados e contínuos gestos de poesia e frescura, emprestando às ruas e avenidas um aspecto sedutor.

A Polana é o reduto mais cuidado de toda esta maravilha!

Aqui se fixaram as residências de todos os grandes!

É a lei do mundo!... Os grandes nunca se fazem pequenos! Nunca!...

A Lei do Evangelho, única verdadeiramente revolucionária, por mais mortes e sofrimento que outras causem, não entra no mundo dos grandes! É mais fácil passar o camelo pelo furo de uma agulha que um grande entender algo do Reino dos Céus!

A História está cheia desta evidência, mas o mundo não vê.

Uma glória substitue outra glória! Todas mundanas! Vazias! Evaporaram-se na vaidade oca das gerações, como o orvalho de todas as manhãs.

As vivendas escondidas sob luxuriante natureza, em forma de bardos e jardins de todas as cores, predominando a buganvília, o cardinal, a acácia amarela com as flores em forma de sinos e as folhas em verde vivo são eloquentes mausoléus da glória efémera que foi e que é.

As embaixadas, os consulados, as assessorias e cooperações de todo o mundo, com certeza, assentaram arcaias, aqui, à mistura com todos os poderosos.

Noutras zonas da capital, o lixo pode amontoar-se, a degradação dos prédios e das infra-estruturas e transportes escandalizarem o transeunte desprevenido, as crianças em multidão aninhadas nas ruas e recantos, vendendo, pedindo, brincando ou dormindo, patentear a face dolorosa e angustiante de um rumo não encontrado e muito distante, que isso parece não perturbar a magnificência da Polana.

Sinto agora, mais do que nunca, o que significa a *responsabilidade histórica* dos portugueses neste país africano. Não é só pela presença de quinhentos anos, que isso pouco poderá exprimir em termos teóricos. É sim a mescla cultural luso-moçambicana que aqui se gerou e se verifica nos hábitos pacíficos da

boa convivência e bem receber deste povo. É o traçado de toda a urbanização. São as infra-estruturas das ruas, avenidas, praças, portos e aeroportos. É a castiça arquitectura portuguesa patente em todos os pormenores dos edifícios públicos e privados. E a alegria expressa nos olhos de qualquer desconhecido quando o saudamos, bom dia...boa tarde, a dizer-nos com sorrisos de satisfação e esperança, de uma forma muda mas eloquente:— Estão a voltar os nossos irmãos portugueses.

Padre Acílio



RETALHOS DE VIDA

## VÍTOR

Eu sou o Vítor Torcato Pereira, mas sou mais conhecido por Vítor. Nasci no dia 12 de Janeiro na cidade de Guimarães. A minha família era pobre e a minha mãe trouxe-me para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, porque não me podia ter em casa. Eu quando for grande quero ser marceneiro, porque gosto de fazer mobílias.

Vítor Torcato Pereira

# PARTILHANDO

• Numa pequena nação africana, um senhor poderoso — mascarado de companhia agrícola — tomou conta das melhores e mais produtivas terras, afastando para os cantos sem interesse as «velhas de Urias».

Uma após outra, sem sequer «balir», elas se foram aquietando nos aldeamentos pobres e esquecidos. Sem água, sem luz, palhotas ou tendas de lona!

«Cordeiro» sofredor!

Mesmo ao lado rasgam-se campos de algodão. Isto é bom. Em certos casos, traz progresso, trabalho e chama divisas. Aproveitam-se terras que ficariam incultas por muito tempo.

Seria, porém, tudo melhor se, numa linha paralela, se promovesse o povo: A empresa tem água e luz... Tão fácil pôr água e luz nas sanzalas que a circundam.

Aparecem milhões para invadir com maquinaria terrenos e terrenos aráveis, férteis e irrigáveis. Que bom se houvesse a mesma paixão para construir casas, escolas e

postos sanitários. Igualmente, o mesmo cuidado, no ensino do amanhã da terra, no lançar das sementes e no cuidar das plantas e dos frutos.

Dar comida e roupas pouco resolve... Ajudar e ensinar os povos no aproveitamento das suas riquezas, sim.

Geralmente, quando um povo está de tanga, a maior parte aproveita para tirar «com elegância» suas riquezas. É o momento propício.

• «Como poderemos nós cantar um canto a Iahweh?»

Mamã Rosa batia o milho no pilão. Julguei que era para a refeição do meio-dia. Não era. Vi, olhando dentro da cubata um monte de massa de milho pronta para a fermentação: Bebida... álcool...

• De volta das cubatas, pequenas lavras de milho com alguns pés de mandioca. As espigas ficaram pequenas; a chuva não veio no tempo preciso. A seguir das lavras o

capinzal sem fim com poucos arbustos. Não vendo sinal do rio, perguntei:

— A lenha e a água?

— Ah!, longe... Muito longe!

Este longe foi muito longo e ficou no ar abrasado pelo sol.

Padre Telmo

## LIVROS de PAI AMÉRICO

**Pão dos Pobres** (4 volumes; o 2.º, esgotado); **Obra da Rua; Isto é a Casa do Gaiato** (2 volumes); **Barredo; Ovo de Colombo; Viagens; Doutrina** (3 volumes); **Cantinho dos Rapazes; Notas da Quinzena; De como eu fui...**; **Correspondência dos Leitores.**

**DOUTROS AUTORES:** Subsídios para o Estudo do Pensamento Pedagógico do Padre Américo, Dr. João Evangelista Loureiro; Calvário, Padre Baptista (esgotado); **A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida**, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; **O Lodo e as Estrelas**, Padre Telmo Ferraz.

☆

Brevemente, teremos ao vosso dispor novas edições dos livros **Calvário** e 2.º volume **Pão dos Pobres**, pelo que seria conveniente os interessados renovarem os seus pedidos para os atendermos oportunamente.

queremos amar — amando estes seus filhos.

Padre Horácio



**CALVÁRIO** — A sorte do pobre inválido perturba-me as horas do dia e o sono nem sempre vem da noite. Se eu estivesse tolhido nalgum buraco, como suspiraria pelos cuidados dos amigos! Se me empontassem do hospital, como desejaria o leito macio para o corpo atormentado pela doença! E áposto que sentirias como eu sinto, sofrerias como eu tantas vezes sofro, se os teus olhos poisassem onde os meus têm caldo! A nossa retina guarda a imagem. Esta sobe ao pensamento. E este desce ao peito e a gente passa a sofrer com os que sofrem. Vou recolhendo, pois, no peito a mágoa dos irmãos e, baixinho, sem ninguém mais ouvir, vou contá-la ao Mestre. Ele que dê um safanão ao mundo para que estremeça. — Padre Baptista

## TRIBUNA DE COIMBRA

Cont. página 1

bom gosto da comida. Era domingo.

A nova casa está quase pronta. A quinta promete, de futuro, boa colheita. Aquela família está ali ainda há pouco tempo. Está a arrancar.

A Irmã queixou-se do muito trabalho de mãe que tem de ser. Mãe de tantos filhos e alguns com as verdadeiras mães a gozar a vida. Queixou-se de ver muitas vezes lágrimas nos olhos inocentes dos que chamam pela mãe.

Despedimo-nos com a palavra de confiança no Senhor Deus que é o Pai de toda a família e a Quem

queremos amar — amando estes seus filhos.

Padre Horácio



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285  
Fotocomp. e Imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898